

Expectativa é de desaceleração da inflação, mas riscos permanecem

Emprego formal segue positivo no RS, mas tendência é de desaceleração

Com menos estoques, indústria gaúcha ficou mais otimista

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Expectativa é de desaceleração da inflação, mas riscos permanecem

Os riscos inflacionários permanecem mesmo com menores preços de combustíveis. As medidas de estímulo promovidas pela PEC dos Benefícios poderá manter a demanda aquecida por todo o ano.

No ano passado, quando o IGP-M acumulado apontava para o atingimento de patamares de 30% no acumulado em 12 meses, fizemos a metáfora de uma gravidez de inflação. O IGP-M estava grávido do IPCA, de modo que a inflação de produtos básicos e bens no atacado, captados pelo IGP-M, daria à luz a uma inflação ao consumidor mais elevada entre seis a nove meses à frente. Agora, essa relação aponta para uma direção diferente. Entretanto, a criança já possui vida própria, ou seja, a inflação que estava concentrada nos bens já apresenta uma elevada difusão na economia.

A relação entre o IGP-M e o IPCA mostra uma intensa inflexão desde o início desse ano. Um fator importante para esse comportamento foi a valorização cambial que atenuou o avanço nos preços dos insumos importados. Nos últimos dias, a taxa de câmbio voltou a se valorizar, em contrapartida os preços das *commodities* nos mercados internacionais mostraram alívio, refletindo a expectativa de desaceleração do crescimento mundial.

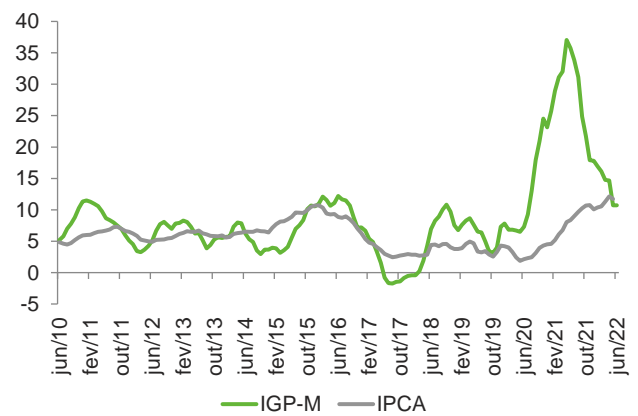
O IPCA dos bens industriais, ainda muito impactado pelos aumentos de preços de combustíveis e insumos importados, apresentou em maio o menor avanço desde o início do ano. Porém, se pelo lado dos bens a inflação parece dar sinais de arrefecimento, pelo lado dos serviços, que historicamente possui um comportamento muito mais resiliente devido à elevada inércia dos reajustes de salários, ainda acelera. A demanda reprimida por serviços tem impulsionado o setor nesse ano, que começa também a buscar oportunidades para reajustes.

Nessa conjuntura de inflação extremamente disseminada, a média móvel do índice de difusão ainda aponta para cima num momento do ano em que sazonalmente já mostraria desaceleração. Ou seja, mais de 70% dos itens medidos ainda mostraram avanço.

Em condições normais, diríamos que estamos no pior momento do ciclo inflacionário e, tendo em vista os efeitos da política monetária contracionista, o segundo semestre seria de baixo crescimento e inflação em queda. Porém, o momento é atípico. A inflação deve sim cair em função da mudança na tributação de combustíveis. Estimamos que caso a redução dos impostos fossem repassados na integralidade para o consumidor, seriam 2,4 pontos percentuais a menos na inflação de 2022.

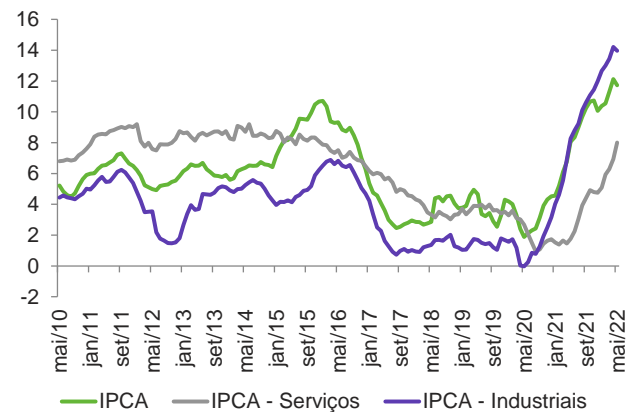
Contudo, o impacto da PEC dos Benefícios Sociais sobre a demanda é um novo vetor de crescimento e expansão na demanda, que será mantida aquecida no segundo semestre. Ficam as seguintes dúvidas: o arrefecimento esperado será temporário e haverá um duplo pico de inflação? A Selic ficará alta por mais tempo? Na próxima sexta-feira será publicado o IPCA de junho, de modo que no próximo Informe poderemos ajustar as projeções para inflação buscando antecipar os impactos da nova PEC.

IGP-M e IPCA
(Var. % acum. 12 meses)



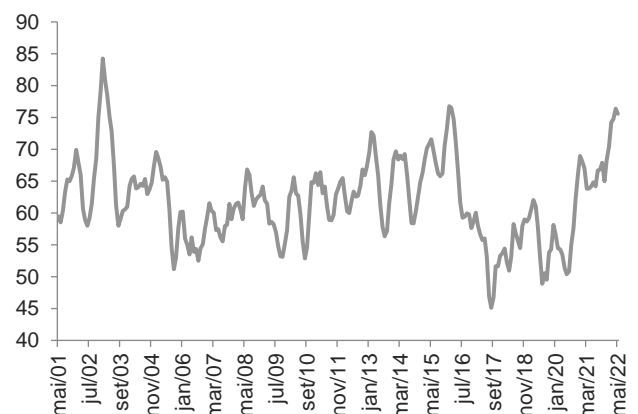
Fonte: FGV. IBGE.

IPCA Serviços e Industriais
(Var. % acum. 12 meses)



Fonte: BCB.

Índice de difusão da inflação do IPCA
(% de itens com elevação | Média móvel de 3 meses)



Fonte: IBGE.

Emprego formal segue positivo no RS, mas tendência é de desaceleração

O Rio Grande do Sul abriu 4,3 mil postos de trabalho em maio de 2022, de acordo com os dados do Novo CAGED divulgados na terça-feira (28/06) pelo Ministério do Trabalho e Previdência. Em maio do ano passado, houve criação de 6,5 mil vagas.

Entre os grandes setores, a maior abertura de vagas em maio ocorreu nos Serviços com a criação de 4,6 mil empregos. A Indústria gerou 1,8 mil postos de trabalho e apenas a Agropecuária fechou postos no mês (-2,1 mil), por conta do fim da safra de maçã. Dos 24 segmentos da Indústria de Transformação, 19 abriram vagas no mês. Os destaques positivos foram: Veículos automotores (+392 vagas), Couro e calçados (+365) e Borracha e plástico (+267). E os destaques negativos foram: Tabaco (-890), Alimentos (-733) e Manutenção e reparação de máquinas (-178).

No acumulado de 2022, o RS abriu 66,7 mil vagas de emprego, saldo inferior ao respectivo período de 2021 (+71,4 mil). Nessa base de comparação, conforme a tabela ao lado, as atividades que contrataram menos do que nos primeiros cinco meses de 2021 foram: a Agropecuária, o Comércio e três subsetores da Indústria (Extrativa, Transformação e SIUP). Por outro lado, a Construção e Outros Serviços tiveram melhor desempenho do que no ano passado.

Por fim, no acumulado em 12 meses, o saldo aponta geração de 136,2 mil postos de trabalho no Estado, com criação de empregos nos três grandes setores da economia: Agropecuária (+2,0 mil, 1% do

total), Indústria (+42,7 mil, 31% do total) e Serviços (+91,5 mil, 67% do total). No pico da série em agosto de 2021, o saldo em 12 meses foi de 170,4 mil vagas.

Portanto, os resultados do mercado de trabalho formal do RS seguem positivos em 2022, mas mostrando desaceleração na criação de vagas frente ao observado no ano passado. Aliás, esse movimento já começou no final de 2021: nos últimos 9 meses de dados (set/21 a mai/22), apenas em abril/22 o saldo de empregos foi melhor do que o observado no respectivo mês do ano anterior. Porém, cabe lembrar que em abril de 2021 as contratações foram prejudicadas pelo momento mais agudo da pandemia no Brasil, logo, a baixa base de comparação contribuiu. Para os próximos meses, acreditamos na continuidade desse cenário: números positivos, mas cada vez em menor intensidade.

Geração de empregos formais – RS

(Saldo em mil vagas)

	mai/22	Ac. jan- mai/22*	Ac. jan- mai/21*	Ac. 12 meses*
Agropecuária	-2,1	1,6	3,3	2,0
Indústria	1,8	36,8	41,6	42,7
Extrativa	-0,1	0,0	0,2	0,2
Transformação	0,5	31,0	38,9	35,1
SIUP**	0,0	0,0	0,1	-1,1
Construção	1,3	5,6	2,5	8,5
Serviços	4,6	28,4	26,5	91,5
Comércio	1,7	-0,5	7,5	26,9
Outros Serviços	2,9	28,9	19,0	64,5
TOTAL RS	4,3	66,7	71,4	136,2

Fonte: Novo CAGED/MTP. *Ajustado com declarações fora do prazo.
**SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública.

Com menos estoques, indústria gaúcha ficou mais otimista

A Sondagem Industrial do RS de maio de 2022, divulgada pela FIERGS, trouxe vários resultados positivos, com destaque para o 23º aumento consecutivo do emprego, o ajuste parcial dos estoques e o maior otimismo para a demanda. A menor intenção de investir foi a nota negativa.

O índice de evolução da produção ficou em 51,8 pontos, indicando alta da produção em maio na comparação com abril. Da mesma forma, o emprego registrou o 23º aumento consecutivo: o índice foi de 52,3 pontos. Os índices variam de zero a 100, quando acima dos 50 expressam alta ante o mês anterior.

A Sondagem mostrou que a indústria gaúcha utilizou 72,0% da sua capacidade instalada (UCI) em maio, 1,0 p.p. abaixo de abril, porém, 3,5 p.p. acima da média histórica do mês. Já o índice de UCI em relação ao usual foi inferior a 50, em 47,1 pontos em maio, mas cresceu em relação a abril (44,3). Isso significa que os empresários consideraram a UCI abaixo do normal, mas mais próxima do que estava em abril.

O índice de estoques planejados, por sua vez, caiu de 53,9 em abril para 51,4 em maio, revelando que o acúmulo de produtos finais estocados diminuiu maio. Os estoques estão no nível desejado pelas empresas quando o índice atinge os 50 pontos.

Ainda de acordo com a Sondagem, a perspectiva dos empresários é de maior demanda e mais empregos nos próximos seis meses. Todos os índices de expectativa, que já estavam acima da linha de 50 pontos em maio, cresceram em junho. Isso significa que a projeção de crescimento ficou mais forte e disseminada entre as empresas. O índice de expectativa para demanda foi o que registrou o maior valor em junho: 58,0 pontos, um aumento de 3,7 ante maio. Já o de compras de matérias-primas registrou a maior alta, de 5,1 pontos, para 57,1. O índice de exportações passou de 53,4 para 54,1 pontos e o de número de empregados, de 52,2 para 52,8 pontos.

Por fim, apesar do maior otimismo empresarial em junho, a indústria gaúcha revelou menor disposição para investir. O índice de intenção de investimentos para os próximos seis meses ficou em 55,1 pontos em junho, uma queda de 4,5 pontos na comparação com maio. O indicador varia de zero a 100 e quanto maior, maior é a propensão de investir das empresas. Mesmo assim, o índice segue acima da sua média histórica (50,9 pontos), denotando intenção de investir elevada. Em junho, 58,0% dos empresários mostravam pretensão de investir nos próximos seis meses (eram 65,7% em maio).

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	1,3	0,4	3,8	-0,2	2,2
Indústria	0,7	-0,7	-3,4	4,5	0,4
Serviços	2,1	1,5	-4,3	4,7	1,9
Total	1,8	1,2	-3,9	4,6	1,3
Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)					
Em R\$	7,004	7,389	7,468	8,679	9,347
Em US\$ ²	1,916	1,873	1,448	1,609	1,782
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	7,6	7,3	23,1	17,8	12,3
INPC	3,4	4,5	5,4	10,2	7,4
IPCA	3,7	4,3	4,5	10,1	7,1
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	0,0	-9,7	-3,4	1,1	1,2
Transformação	1,1	0,2	-4,6	4,3	1,9
Indústria Total³	1,0	-1,1	-4,5	3,9	1,5
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	2,2	13,0	36,6	140,9	25,6
Indústria	23,9	97,2	148,9	719,9	157,8
Indústria de Transformação	1,2	13,2	47,8	439,0	109,7
Construção	11,4	70,7	97,7	244,8	37,3
Extrativa e SIUP ⁴	11,2	13,3	3,5	36,2	10,8
Serviços	520,2	533,8	-377,0	1.869,8	430,4
Total	546,4	644,1	-191,5	2.730,6	613,8
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,7	11,1	14,2	11,1	10,5
Média do ano	12,4	12,0	13,8	13,2	11,4
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	231,9	221,1	209,2	280,4	295,9
Importações	185,3	185,9	158,8	219,4	226,4
Balança Comercial	46,6	35,2	50,4	61,0	69,5
Moeda e Juros					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	6,50	4,50	2,00	9,25	13,50
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) ⁵	17,1	4,0	28,9	7,4	-3,2
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	3,87	4,03	5,20	5,58	5,40
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-1,6	-0,8	-9,4	0,8	-1,0
Juros Nominais	-5,4	-5,0	-4,2	-5,2	-6,5
Resultado Nominal	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público	52,8	54,7	62,5	57,3	62,3
Dívida Bruta do Governo Geral	75,3	74,4	88,6	80,3	83,1

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹ O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ² Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. ³ Não considera a Construção Civil e o SIUP. ⁴ SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. ⁵ Variação em relação ao final do período anterior.

Informações sobre as atualizações das projeções:

Não houve alterações.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	-7,1	3,0	-29,5	67,5	-40,0
Indústria	2,8	0,2	-5,6	9,7	-1,4
Serviços	2,6	0,8	-4,6	4,1	0,5
Total	2,0	1,1	-6,8	10,4	-4,0
Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)					
Em R\$	457,294	482,464	480,173	582,968	599,384
Em US\$ ²	125,108	122,282	93,107	108,059	114,249
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	-1,4	-0,1	0,5	3,4	0,9
Indústria	1,5	-5,5	-0,2	47,5	9,2
Indústria de Transformação	0,9	-1,5	0,1	42,9	7,4
Construção	0,9	-4,0	-0,2	5,2	1,4
Extrativa e SIUP ³	-0,2	0,0	0,0	-0,7	0,4
Serviços	20,4	26,0	-42,9	89,4	19,0
Total	20,5	20,4	-42,5	140,3	29,2
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	7,5	7,3	8,6	8,1	7,6
Média do ano	8,2	8,1	9,3	8,7	8,1
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	21,0	17,3	14,1	21,1	22,4
Industriais	15,1	12,5	10,5	14,1	15,1
Importações	11,3	10,3	7,6	11,7	12,8
Balança Comercial	9,8	6,9	6,5	9,4	9,6
Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)					
	34,8	35,7	36,2	45,7	49,5
Indicadores Industriais (% a.a.)					
Faturamento real	2,7	3,0	-3,1	8,7	1,6
Compras industriais	10,0	-2,7	-5,5	31,0	4,2
Utilização da capacidade instalada (em p.p.)	1,6	0,7	-4,6	5,7	0,3
Massa salarial real	-1,3	-0,8	-9,3	4,6	0,4
Emprego	0,9	0,0	-1,9	6,7	1,4
Horas trabalhadas na produção	0,0	-1,0	-5,7	15,1	3,3
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS	2,6	0,1	-4,8	12,8	1,7
Produção Física Industrial⁴ (% a.a.)					
	5,9	2,5	-5,5	8,8	1,0

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹ O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ² Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. ³ SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. ⁴ Não considera a Construção Civil e o SIUP.

Informações sobre as atualizações das projeções:

Não houve alterações.